

A REPRESENTAÇÃO DO FEMINISMO NO CONTO O CESTO, DE MIA COUTO NA ÓTICA DO DISCURSO DO PODER PATRIARCAL

THE REPRESENTATION OF FEMINISM IN TALE O CESTO, BY MIA COUTO FROM THE POINT OF DISCOURSE OF PATRIARCAL POWER

Rafael Francisco Braz 1
Clara Mayara de Almeida Vasconcelos 2

Resumo: A literatura constitui-se como produto da ação humana e apresenta-se como uma possibilidade de compreensão do meio social, questões históricas e culturais no qual a obra foi produzida. Partindo desses pressupostos, observa-se que “O cesto”, conto de autoria do escritor moçambicano Mia Couto, presente em sua obra *O fio das missangas* (2003) constituindo-se como espaço de denúncia social por meio da observação das relações de poder representadas no conto, no tocante à representação do feminino, utilizar-se, para o desenvolvimento deste trabalho, as contribuições teóricas de Adiche (2012), Beauvoir (1967), Foucault (1979; 1996), Maingueneau (2015), Gregolin (1995) e Revel (2005). Dessa forma, a literatura pode-se constituir como uma forma de denúncia social e luta contra os discursos promovidos com vistas a diminuir a importância da mulher na sociedade.

Palavras-chave: Literatura. Discurso. Relações de Poder.

Abstract: Literature is a product of human action and presents itself as a possibility for understanding the social environment, historical and cultural issues in which the work was produced. Based on these assumptions, it can be observed that “O cesto”, a short story by the Mozambican writer Mia Couto, present in his work “O fio das missangas” (2009) Constituting itself as a space for social denunciation through the observation of the power relations represented in the story, with regard to the representation of the feminine, to use, for the development of this work, the theoretical contributions of Adiche (2012), Beauvoir (1967), Foucault (1979; 1996), Maingueneau (2015), Gregolin (1995) e Revel (2005). In this way, literature can be constituted as a form of social denunciation and fight against the speeches promoted with a view to reducing the importance of women in society.

Keywords: Literature. Speech. Power relations.

Doutorando em Psicologia pelo Programa de Pós-Graduação em 1
Psicologia (PPgPsi), na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN);
e Doutorando em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura e
Interculturalidade na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). O presente
trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento
de Pessoas de Nível Superior – Brasil (CAPES). Mestre em Letras pela
Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Especialista em Língua Portuguesa
(UEPB) e Graduado em Letras pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5028169626414644>.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6155-6182>.
E-mail: rafaelbrazprof@gmail.com

Doutoranda em Letras pelo Programa de Pós-graduação em 2
Literatura e Interculturalidade (PPGLI), na Universidade Estadual da Paraíba
(UEPB). O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de
Aperfeiçoamento de Pessoas de Nível Superior – Brasil (CAPES). Mestre em
Letras pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Graduada em Letras pela
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3201030587005202>.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7282-7814>.
E-mail: claramay.vasconcelos@gmail.com

Introdução

Historicamente, pode-se observar que a sociedade patriarcal costuma atribuir funções às mulheres, desde tempos remotos, com o objetivo de restringir a sua participação mais ativa no meio social, delegando-lhes trabalhos relativos à manutenção da casa e, também, da família.

Esse controle que o homem exerce sobre as mulheres, ao dizer, por exemplo, o que devem ou não fazer, como devem se comportar, constitui-se por meio de narrativas que são produzidas com a finalidade de criar estereótipos da mulher ideal, conforme os paradigmas das sociedades ocidentais e falocêntricas.

Sabendo disso, a literatura surge enquanto potência denunciadora dos desmandos que ocorrem no âmbito da ordem social, a partir das denúncias que são feitas por meio de obras literárias em relação à determinado contexto sócio-histórico-cultural.

Nesse sentido, o conto *O cesto*, escrito pelo moçambicano Mia Couto, traz em sua trama um espaço de denúncia social, da forma como a mulher é tratada no contexto moçambicano, uma vez que elas são levadas – histórica e economicamente – a se submeterem às vontades do homem, por meio de diversos mecanismos, utilizados para subalternizá-las.

O objetivo deste artigo é o de compreender como o discurso patriarcal exerce poder sobre a personagem feminina, a partir das relações que a personagem estabelece com o marido e o cesto, os quais representam, simbolicamente, figuras de dominação e dependência para essa mulher.

Sendo assim, a relevância deste estudo está na necessidade de compreender as relações de poder, apresentadas e representadas pelas narrativas/discursos moralizantes, os quais são criados a partir dos padrões patriarcais, para a sujeição do feminino, que são denunciados pelo objeto de nossa pesquisa.

A partir desses fatos, promover-se-á uma pesquisa de cunho bibliográfico com caráter exploratório, pois, conforme aponta Gil (2002, p. 61), promove ao pesquisador maior familiaridade com o campo de pesquisa em estudo. Para fins de fundamentação teórica, serão realizadas leituras analíticas e seletivas, pois

a finalidade da leitura analítica é a de ordenar e resumir as informações contidas nas fontes, de forma que estas possibilitem a obtenção de respostas ao problema da pesquisa. A leitura seletiva é de natureza crítica, porém deve ser desenvolvida com bastante objetividade. É importante que se penetre no texto com a profundidade suficiente para identificar as intenções do autor; [...] (GIL, 2002, p. 78).

Nossa fundamentação teórica se baseia nas leituras feministas, promovidas por Beauvoir (1967), como também leituras feitas à luz da análise do discurso, de Foucault (1979, 1996), Gregolin (1995) e Judith Revel (2005), para que se possa compreender como se tece a malha do discurso patriarcal no conto em análise.

Portanto, nesta pesquisa analítico-interpretativa, além desta seção introdutória, este texto está dividido em duas partes, as quais obedecem a seguinte estrutura: inicialmente, discute-se a visão do discurso do poder e as questões patriarcais. Logo após, considera-se o *corpus* de análise para a discussão e apontamentos. Por último, destacam-se algumas considerações acerca da análise neste estudo realizado.

As relações do discurso e poder

Na sociedade contemporânea, observa-se que o domínio promovido pelo homem se dá por meio de diversas práticas, dentre as quais se pode destacar o discurso falocêntrico como ferramenta pela qual o poder (de alguns homens) exerce sobre a classe feminina, pois seguindo o pensamento foucaultiano no livro *A ordem do discurso* (1996), compreende-se que:

O discurso nada mais é do que a reverberação de uma verdade nascendo diante de seus próprios olhos; e, quando tudo pode, enfim, tomar a forma do discurso, quando tudo pode ser dito e o discurso pode ser dito a propósito de tudo, isso se dá porque todas as coisas, tendo manifestado e interioridade seu sentido, podem voltar a interioridade silenciosa da consciência de si (FOUCAULT, 1996, p. 49).

O discurso se apresenta, então, como elemento que intermedia o exercício do poder, através da exteriorização dos aspectos ideológicos¹. Sendo assim, não se trata apenas de exteriorizar o que é o pensamento, mas, sim, os filtros ideológicos presentes em um determinado discurso.

Reflete-se, assim, que a formação discursiva não é algo individual. O sujeito social se constitui como tal por justamente poder se expressar na e pela linguagem. Destarte, ele (re) produz discursos, ou seja, se expressa no e por enunciados, que têm a sua produção mediada por sistemas ideológicos. É por intermédio desses sistemas que se pode identificar qual filtro ideológico ecoa, através de determinadas formações discursivas, as quais podem abarcar a presença de discursos feministas, capitalistas, judaicos, cristãos, comunistas, machistas, entre outros.

Esses discursos compreendem, então, a representação de sistemas sociais, que servem para normatizar, impor valores e regular comportamentos, de acordo com os seus ideais. Ao se constituírem, assim, enquanto filtros organizacionais do meio sociocultural, os discursos são produzidos conforme a materialidade sócio-histórica-cultural de cada sujeito. Dessa forma, o discurso se materializa nas formações ideológicas, agindo como exercício do poder, por meio da veiculação de textos – verbais e não verbais – sob o prisma de determinado grupo social, pois devido

ao uso da língua em um contexto específico, ou seja, a relação entre os usos da língua e os fatores extralinguísticos presentes no momento em que esse uso ocorre. Por isso, o discurso é o espaço da materialização das formações ideológicas, sendo por elas determinado. Nesse sentido, pode ser visto como uma abstração, porque corresponde a ‘voz’ de um grupo social (ABAURRE; ABAURRE, 2007, p.10).

Sabendo que as formações ideológicas regulam o conjunto de valores que moldam a sociedade, vê-se como as relações de poder e o exercício deste se organizam como uma teia de valores moralizantes e éticos, que norteiam o âmbito social. No tocante à diferença entre moral e ética, em consonância com o pensamento de Foucault, Revel (2005, p. 45) afirma que

Foucault distingue claramente entre o que é preciso entender por ‘moral’ e o que significa ‘ética’. A moral é, em sentido amplo, um conjunto de valores e de regras de ação que são propostas aos indivíduos e aos grupos por meio de diferentes aparelhos prescritivos (a família, as instituições educativas, as Igrejas etc.); essa moral engendra uma “moralidade dos comportamentos”, isto é, uma variação individual mais ou menos consciente em relação ao sistema de prescrições do

1 Seguindo a concepção de Gregolin acerca do que é ideologia, pode-se afirmar que “A ‘ideologia’ é um conjunto de representações dominantes em uma determinada classe dentro da sociedade. Como existem várias classes, várias ideologias estão permanentemente em confronto na sociedade. A ideologia é, pois, a visão de mundo de determinada classe, a maneira como ela representa a ordem social. Assim, a linguagem é determinada em última instância pela ideologia, pois não há uma relação direta entre as representações e a língua” (GREGOLIN, 1995, p. 17, grifo da autora).

código moral. Por outro lado, a ética concerne à maneira pela qual cada um constitui a si mesmo como sujeito moral do código [...].

No tocante ao poder, mediante a perspectiva de Foucault, em sua obra *Microfísica do poder* (1979), pode-se inferir que este não é uma entidade concreta, como algo que o indivíduo pode possuir. O que existe/ocorre, na realidade, é o exercício das relações poder.

Dessa maneira, as relações que se encontram por trás de práticas discursivas, que representam os interesses/ideologias de diferentes grupos sociais, estão presentes nos diversos âmbitos da sociedade. Nesse sentido, o poder é uma espécie de *persona*, que só pode ser apreendida através de práticas que podem se concretizar em várias áreas sociais e do conhecimento – no caso do trabalho em questão, na literatura.

Para compreender o poder, torna-se necessário analisar as relações de poder, para que se compreenda que ele é constituído a partir de “[...] condições históricas [...] que implicam em efeitos múltiplos [...] fora do que a análise filosófica identifica tradicionalmente como o campo do poder” (REVEL, 2005, p. 67).

A partir dessa concepção, Foucault (1979) percebe que as práticas de poder camuflam o verdadeiro interesse dos grupos sociais, os quais objetivam promover a dominação dos sujeitos sociais, através da criação de verdades que camuflam as práticas coercitivas, materializadas por meio do discurso. Destarte, o poder não corresponde apenas a um indivíduo ou grupo de indivíduos, mas se constitui como uma tessitura de relações usadas para manipular a sociedade e validar a narrativa criada para este fim.

Submissão feminina e o discurso machista

Sabe-se que, ao longo do percurso histórico, as mulheres tiveram os seus direitos cerceados e foram colocadas à margem da sociedade. Elas foram consideradas inferiores aos homens, por meio de discursos que representavam e ainda hoje representam o desejo da sociedade falocêntrica de se apoderar do poder. Com isso, observa-se que

o discurso – como a psicanálise nos mostrou – não é simplesmente aquilo que manifesta (ou oculta), o desejo; é, também, aquilo que é objeto do desejo; e visto que – isto a história não cessa de nos ensinar – o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou o sistema de dominação, mas aquilo por que pelo que se luta, o poder do qual nós queremos apoderar (FOUCAULT, 1996, p. 10).

Destarte, o discurso machista de submissão feminina atua como regulador do comportamento feminino, retirando os seus direitos e censurando qualquer ato que as mulheres venham a cometer, que fuja do padrão do que o homem lhe impôs, pois, ao produzir essas verdades acerca da função da mulher em sociedade, o discurso tem a intenção de moldar o pensamento feminino, no intuito de as mulheres acreditarem em sua veracidade.

Entretanto, observa-se que muito se modificou no tocante aos direitos e deveres femininos, mesmo que ainda não se tenha alcançado um grau de equidade. Logo, isso se dá pelo fato de a verdade ser transitória, ou seja, as verdades se constituem enquanto tais, de acordo com o efeito de poder que o discurso quer promover, com base no que se quer apoderar, visto que

[...] o problema não é de se fazer a partilha entre o que num discurso releva da cientificidade e da verdade e o que relevaria de outra coisa; mas de ver historicamente como se produzem efeitos de verdade no interior de discursos que não são em si nem verdadeiros nem falsos (FOUCAULT, 1979, p. 07).

Nessa mudança, ocorrem os efeitos de verdade. Conforme Foucault (1979), pode-se apreender que onde há práticas de poder, também há resistência, como resultado da equação ação/reação.

Em relação ao papel social da mulher, especialmente da mulher negra, é notório que ela se encontra duas vezes à margem da sociedade, pois é excluída por questões étnicas e de gênero. Portanto, a sua inferioridade é elevada ao quadrado pelo discurso machista. Dessa maneira, a mulher negra – assim como a narradora-personagem do conto *O cesto* – se depara com a necessidade e com o problema de ultrapassar duas barreiras que lhe fazem ser subestimada e inferiorizada pelo homem. Este fato pode ser observado no posicionamento de Hegel e Comte, citado por Michelle Perrot:

Hegel fala da ‘vocação natural’ dos dois sexos. ‘O homem tem sua vida real e substancial no Estado, na ciência ou em qualquer outra atividade do mesmo tipo. Digamos de modo geral no combate e no trabalho que o opõem ao mundo exterior e a si mesmo. ‘A mulher, pelo contrário, é feita para a piedade e o interior. ‘Se colocam mulheres à frente do governo, o Estado se encontra em perigo [...]’ (PERROT, 2010, p. 178 apud CARVALHO, 2017, p. 47).

Pode-se observar que, na construção do discurso machista, as narrativas que geram efeitos de verdade se valem de intelectuais, para imprimir veracidade ao discurso, com o intuito de tornar as mulheres inferiores. As amarras patriarcais deixam, assim, a sua marca na forma como a mulher é vista e tratada até hoje, sempre tendo a necessidade de enclausurá-las em seus lares em nome da moral e do decoro, pois, consoante ao pensamento de Beauvoir (1967, p. 304):

A mulher que acentua seu encanto sexual conduz-se mal aos olhos do marido; êle censura ousadias que o seduziram numa estranha e essa censura mata nele todo desejo; se a mulher se veste com decência, êle a aprova, mas com frieza: não a acha bastante atraente e como que lho censura de modo vago. Por causa disso, olha-a raramente por sua própria conta, é através de olhos alheios que a inspeciona.

Embora ainda existam as marcas e amarras da sociedade patriarcal, as mulheres já começaram a serem ressignificadas na sociedade e a impressão de verdade, acerca de sua inferioridade, foi desmistificada. Contudo, a luta para a promoção da equidade entre os gêneros ainda continua.

Esse fato pode ser observado também na literatura, não apenas no que diz respeito à escrita feminina, mas também às personagens. Na obra *O fio das missangas*, Mia Couto representa mulheres marcadas pelo patriarcalismo, que sofrem com o discurso de sujeição. Mas, ao final, fica a esperança de que, de acordo com a narrativa, elas se libertarão, mediante as atitudes que tomam frente aos obstáculos sociais. Na construção da trama de *O cesto*, Mia Couto está “[...] proporcionando um canal para que essas vozes silenciadas, esquecidas e condenadas à não-existência possam, de algum modo, manifestarem-se [...]” (MACHADO, 2011, p. 5).

O cesto e suas amarras patriarcais

O conto *O cesto*, escrito pelo literato moçambicano Mia Couto, está presente na coletânea de histórias curtas, intitulada *O fio das missangas* (2009). Caracterizada por ser uma compilação de escritos, a obra representa o cotidiano de personagens femininas, com a expectativa de que estas rompam com as amarras do discurso patriarcal. O livro se constitui numa forma

de denúncia da opressão sofrida pelas mulheres, através de tais personagens femininas.

Embora o conto seja de autoria masculina, fato que não se caracteriza como foco de análise aqui, a personagem narra, em primeira pessoa, a sua história. Ao expor ao leitor as suas angústias e pensamentos, a narradora-personagem denuncia a opressão sofrida, que é metaforizada por meio do cesto e de seu marido moribundo, que está hospitalizado. Essa marginalização da mulher se constrói a partir dos ecos do poder, característicos da sociedade em que o homem é o sujeito social de maior prestígio, haja vista que

A sociedade ocidental foi construída sob um regime patriarcal e falocêntrico. Herdeira de uma tradição judaico-cristã, a cultura sempre relegou a mulher uma posição marginal na sociedade; nesse sentido a mulher foi oprimida, subjugada, negada e silenciada. No caso da mulher negra, observa-se um duplo movimento de exclusão: uma marginalização por etnia e outra por gênero. Na sociedade moçambicana o feminino não será considerado de outra maneira, ainda mais que Moçambique, além dos resíduos culturais da sociedade ocidental, conjuga rastros da cultura islâmica, cujo papel da figura feminina é mais complexo ainda (MACHADO, 2011, p. 06).

Sabe-se que as mulheres sofrem os mais diversos tipos de violência, seja ela física ou psicológica. Além de ter o desafio de enfrentar inúmeras barreiras na sociedade, para que possa ter os seus direitos reconhecidos e respeitados. Entretanto, por meio da afirmação de Machado (2011), compreende-se melhor o nível de opressão que a mulher moçambicana sofre, pelas práticas de poder, exercidas sob vários discursos opressores, os quais buscam anular a sua participação efetiva na sociedade.

Ao iniciar o texto, a narradora-personagem não é apresentada ao leitor; ela não possui um nome ou sobrenome que permita ser identificada, como pode ser observado a seguir:

Pela milésima vez me preparo para ir visitar meu marido ao hospital. Passo uma água pela cara, penteio-me com os dedos, endireito o eterno vestido. Há muito que não me detenho no espelho. Sei que, se me olhar, não reconhecerei os olhos que me olham. Tanta vez já fui em visita hospitalar, que eu mesma adoeci. Não foi doença cardíaca, que coração, esse já não o tenho. Nem mal de cabeça porque há muito que embaciei o juízo. Vivo num rio sem fundo, meus pés de noite se levantam da cama e vagueiam para fora do meu corpo. Como se, afinal, o meu marido continuasse dormindo a meu lado e eu, como sempre fiz, me retirasse para outro quarto no meio da noite. Tínhamos não camas separadas, mas sonos apartados (COUTO, 2009, p. 09).

Ela já apresenta ao público a sua função, que é se comportar como uma boa esposa e ir ao hospital, onde o seu esposo está internado. O leitor já percebe, de antemão, que tal personagem passa por um processo de apagamento de sua identidade e esse fato, até então, lhe parece natural.

A falta de vaidade, de reconhecimento do que lhe é feminino em seu corpo e a sensação de que a presença de seu marido ao seu lado – mesmo estando no hospital – era cruel refletem o discurso machista, opressor e de interdição, o qual foi apontado por Machado (2011) anteriormente, quando mostrou o contexto sócio-histórico-cultural ao qual a mulher moçambicana pertence.

Dessa forma, pode-se apreender como as formações discursivas se constituem como resultantes das formações ideológicas. O conto em análise reflete a dupla marginalização da

mulher, que não pode expor os seus sentimentos, por precisar zelar por sua família, especialmente pelo seu esposo. Censura-se a mulher que se sente desejada ou desejável, a qual se repreende por ter visto o seu reflexo no espelho, mas que, com a esperança da morte de seu marido, como algo libertador, começa a se (re)descobrir enquanto mulher.

A mulher tem a sua existência negligenciada por seu companheiro, o qual nunca a ouvia e sempre a recusava, pois

Hoje será como todos os dias: lhe falarei, junto ao leito, mas ele não me escutará. Não será essa a diferença. Ele nunca me escutou. Diferença está na marmita que adormecerá, sem préstimo, na sua cabeceira. Antes, ele devorava os meus preparados. A comida era onde eu não me via recusada (COUTO, 2009, p. 09).

A narradora se vê na obrigação cotidiana de ir ao hospital, visitar o seu marido e lhe fazer companhia, mas lamenta que ele não possa escutá-la ou comer do seu preparo. Mas, no processo de descoberta de si, embora ainda seja forte o discurso patriarcal em sua constituição enquanto sujeito social, ela percebe que esse fato sempre lhe foi comum: o marido lhe era indiferente a todo o momento, entretanto, ele nunca lhe recusou a comida.

A anulação da personagem se dá todas as vezes que relembra de suas funções de esposa, sendo sempre apagada pela presença de seu esposo: “Onde eu vivo não é na sombra. É por detrás do sol, onde toda a luz há muito se pôs. Só tenho um caminho: a rua do hospital” (COUTO, 2009, p. 09).

Observa-se, assim, como ocorrem os discursos de veridicção, dos quais trata Foucault (1979), em que se pode compreender que a verdade está diretamente relacionada com os sistemas de poder, pois, em conformidade com tal autor, são eles que produzem a verdade e os efeitos de poder que são induzidos e reproduzidos por ela.

Sendo assim, tem-se, no âmbito social, a submissão feminina como impressão de verdade produzida pelos sistemas de verdade, cujos efeitos visam à opressão das mulheres, a sua anulação diante da figura masculina e à subserviência, entre outros efeitos gerados.

A narradora-personagem sente que perdeu a vida ou, pelo menos, a vontade de viver. O que ela quer é algo que a traga da inércia que está presa e possa deixar de ser anulada pelas ações do marido. Assim, ela faz a seguinte observação: “A meu homem deram transfusão de sangue. Para mim, o que eu queria era transfusão de vida, o riso me entrando na veia até me engolir, cobra de sangue me conduzindo à loucura” (COUTO, 2009, p. 09).

A mulher quer se desprender das amarras do patriarcalismo, quer se tornar livre e ser feliz, sem estar sob o jugo de seu esposo, que se configura como eco discursivo de poder, o qual representa o desvozeamento da mulher – não apenas o de sua esposa, mas das mulheres africanas que ela representa – sendo herdeira dos costumes e hábitos resultantes do passado colonial de Moçambique. Esse desvozeamento se repete no trecho a seguir:

Desde o mês passado que evito falar. Prefiro o silêncio, que condiz melhor com a minha alma. Mas o não haver conversa nos deu outro laço entre nós. O silêncio abriu um correio entre mim e o moribundo. Agora, pelo menos, já não sou mais corrigida. Já não recebo enxovalho, ordem de calar, de abafar o riso (COUTO, 2009, p. 09).

O mecanismo de interdição reforça a condição da mulher na narrativa, a qual sempre tem a fala negada ou, se fala, o marido não a escuta. Portanto, o discurso se constitui como representante da situação de exclusão, na qual a mulher é submetida, ao agir de forma passiva em relação ao “seu homem”. Ela prefere ficar calada, por achar que isso condiz melhor com a sua alma; a alma, nesse caso, é uma metáfora utilizada para mascarar o fato de ser mulher – a

mulher deve ficar calada, pois, é melhor, é o certo, é sinal de obediência. Esse fato ocorre, pois

sabe-se bem que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar em tudo em qualquer circunstância [...]. Tabu do objeto, ritual da circunstância, direito privilegiado ou exclusivo do sujeito que fala: temos aí o jogo de três interdições que se cruzam, se reforçam ou se compensam, formando uma grade complexa que não cessa de se modificar (FOUCAULT, 1996, p. 09).

Ao mesmo tempo em que acha melhor permanecer calada, a narradora-personagem também afirma que “o não haver conversa” lhes deu outro laço: ela não é mais humilhada por seu companheiro. Sendo assim, o silêncio do homem, em relação à mulher, é melhor, ou seja, o discurso machista, exercido por ele, serve apenas para mostrar a suposta superioridade que os homens possuem, por meio das relações de poder.

A narradora-personagem está a todo o momento se repreendendo quando percebe que está a falar. Isso ocorre, porque o discurso de submissão feminina e da sua inferioridade, que é veiculado para que o homem exerça o poder sobre a mulher, lhe impõe mecanismos de interdição de seu discurso. Em outras palavras, há regras que delimitam o que deve ou não ser dito, de acordo com o momento sócio-histórico-cultural; o discurso é controlado e nem todo o discurso pode circular, pois os grupos/sujeitos sociais, que exercem o poder, têm controle sobre o discurso.

Diante desse fato, pode-se observar que a esposa, mesmo sem a presença do esposo, censura o que diz, mede as suas palavras, prefere ficar calada, por estar em conformidade com a sua alma. Contudo, há o desejo de poder, expresso em seu discurso, que é o de ser livre. Assim, de acordo com o que outrora foi afirmado por Beauvoir (1967, p. 368), “Só um sujeito livre [...], pode vencer a ruína; [...] proibiram-no à mulher”. Entretanto, ela ainda não está preparada para lidar com a nova mulher que quer (re) nascer; a narradora-personagem quer receber uma transfusão de vida. Os ecos do discurso, de repressão feminina, sofridos pela personagem, geram uma reação que ressoa da seguinte forma no texto:

Já me ocorreu trocar fala por escrita. No lugar desse monólogo, eu lhe escreveria cartas. Assim, eu descontaria no sofrer. Nas cartas, o meu homem ganharia distância. Mais que distância: ausência. No papel, eu me permitiria dizer tudo o que nunca ousei. E renovo promessa: sim, eu lhe escreveria uma carta, feita só de desabotoada gargalhada, decote descaído, feita de tudo o que ele nunca me autorizou. E nessa carta, ganharia coragem e proclamaria: - Você, marido, enquanto vivo me impediu de viver. Não me vai fazer gastar mais vida, fazendo demorar, infinita, a despedida (COUTO, 2009, p. 09).

O pensamento paradoxal da personagem representa a dualidade de sua vida – dividida entre os seus compromissos, impostos pelo patriarcado, enquanto mulher, e a vontade de ser livre e, também, de se sentir amada e bonita. Como afirmação de liberdade, que ela conseguiria como resultado da possibilidade da morte de seu marido, pelo impedimento de falar ou por não ser ouvida por seu homem, ela afirma que escreveria cartas com gargalhadas e proclamaria, assim, a sua liberdade.

Ao voltar ao seu estado de obediência, a mulher pega o seu cesto, para levar comida ao marido, mas, ao mesmo tempo, ela se descobre como uma mulher bela e cheia de vida diante de seu reflexo no espelho, como se pode verificar a seguir:

E descubro a curva do corpo, o meu busto ainda hasteado. Toco o rosto, beijo os dedos, fosse eu outra, antiga e súbita amante de mim. O cesto cai-me da mão, como se tivesse ganhado alma. Uma força me aproxima do armário. Dele retiro o vestido preto que, faz vinte e cinco anos, meu marido me ofereceu. Vou ao espelho e me cubro, requebrando-me em imóvel dança. As palavras desprendem-se de mim, claras e nítidas: - Só peço um oxalá: que eu fique viúva o quanto antes! O pedido me surpreende, como se fosse outra que falasse. Poderia eu proferir tão terrível desejo? E, de novo, a minha voz se afirma, certa: - Estou ansiosa que você morra, marido, para estrear este vestido preto (COUTO, 2009, p. 10).

Ao redescobrir as características femininas, que ainda existem em si, a mulher decide reagir contra o apagamento sofrido, chegando a desejar a morte de seu marido. Embora ainda se reprima brevemente por desejar tal fato, o seu discurso não é interdito e retoma a afirmação de que deseja veementemente a morte dele.

Nesse contexto, é mencionado um vestido preto que ganhara de seu esposo, mas que nunca o usou. Esse vestido representa a natureza dual da personagem, que deseja a morte do cônjuge, para que possa vesti-lo o quanto antes. Sabendo que a cor preta representa o luto, o que seria algo ruim, por perder alguém que lhe é muito próximo, o preto do vestido, nesse contexto, representa a sua liberdade. Vestir-se de luto é vestir-se de libertação das amarras do discurso falocêntrico que o seu marido representa. O luto é a extinção do seu apagamento, sofrimento, desvozeamento e servilismo.

Contudo, a mulher cumpre o seu dever de boa esposa e vai ao hospital mais uma vez com o seu cesto, mesmo que o seu desejo seja o de se livrar daquele objeto que a prende ao seu esposo, metaforizando o vínculo e a relação submissa que existe entre a mulher e o homem: “Ainda hesito perante o cesto. Nunca antes eu o vira assim, desvalido. Vitória é eu dar costas a esse inutensílio” (COUTO, 2009, p. 10).

Com a expectativa de ser livre, após a morte do seu homem, a narradora-personagem vai ao hospital e recebe a tão esperada notícia de que ele faleceu na noite passada. Contudo, a reação dela não é esperada, especialmente, após ela expor o seu discurso de desejo de libertação das opressões sofridas:

Saio do hospital à espera de ser tomada por essa nova mulher que em mim se anunciava. Ao contrário de um alívio, porém, me acontece o desabar do relâmpago sem chão onde tombar. Em lugar do queixo altivo, do passo estudado, eu me desalinho em pranto. Regresso a casa, passo desgrehado, em solitário cortejo pela rua fúnebre. Sobre a minha casa de novo se tinha posto o céu, mais vivo que eu (COUTO, 2009, p. 10).

Conforme pode ser observado, nem a própria personagem esperava ter tal comportamento após a morte do homem. O conto denuncia o poder que o discurso machista exerce sobre a mulher e expõe o desejo da narradora de se libertar dessa situação, fazendo com que o leitor acredite/espere que isso ocorra ao final. Porém, a mulher é impossibilitada de se sentir livre, pois ainda está presa à impressão de verdade que os discursos patriarcais fazem circular, com base em uma concepção de moral. Destarte, ocorre no texto o que Piglia (1994) já afirmou:

O conto clássico [...] narra em primeiro plano a *história 1* [...] e constrói em segredo a *história 2* [...]. A arte do contista consiste em saber cifrar a *história 2* nos interstícios da *história 1*. Uma história visível esconde uma história secreta, narrada

de um modo elíptico e fragmentário. O efeito de surpresa se produz quando o final da história secreta aparece na superfície (PIGLIA, 1994, p. 37).

Sendo assim, o conto traz essa característica e, após todo o relato e as denúncias feitas pela personagem, espera-se que ela seja livre a partir da redescoberta de si diante do espelho: quando ela percebeu que ainda corria vida pelas suas veias e que a sua feminilidade existe, além de deixar subentendido ao leitor que um homem não é essencial, para que uma mulher possa ser genuinamente feliz.

No último parágrafo dessa narrativa, apesar de um tom pessimista, a narradora comenta: “Na sala, corrijo o espelho, tapando-o com lençóis, enquanto vou decependo às tiras o vestido escuro. Amanhã, tenho que me lembrar para não preparar o cesto da visita” (COUTO, 2009, p. 10).

Esse fato mostra que os costumes e comportamentos, engendrados pelo discurso machista, se constituem como barreiras, para que a mulher possa realmente exercer os seus direitos em uma relação de equidade com o homem. Contudo, mesmo tendo de lidar com esses obstáculos, eles não se constituem como elementos intransponíveis; isso fica claro por meio da expectativa que é criada ao término do conto, quando a personagem afirma que precisa não “[...] se lembrar de preparar o cesto [...]” (COUTO, 2009, p. 10), ou seja, ela ainda pode ser a mulher que deseja ser e isso pode ocorrer, pois não existe mais a figura masculina e opressora de seu esposo em sua casa.

Considerações

Este artigo se constituiu por meio de uma análise do discurso do poder patriarcal e de subordinação feminina, presentes no terceiro conto do livro de Mia Couto, *O fio das missangas* (2009), por meio da narradora-personagem, diante da esperança de liberdade que esta teria após a morte do esposo.

O presente trabalho, intitulado *O discurso do poder patriarcal na representação do feminino no conto O Cesto, de Mia Couto*, foi desenvolvido a partir de uma pesquisa de cunho analítico-interpretativo, de caráter bibliográfico, por meio da análise dos ecos discursivos falocêntricos no conto *O cesto*.

Por meio do estudo desenvolvido, pôde-se observar que Couto (2009) dá voz à personagem feminina – a qual, historicamente, é desvozeada pela sociedade machista e impossibilitada de mostrar os seus anseios e pensamentos – através da metáfora do cesto, como eco do discurso patriarcal. Sendo assim, é por meio de seu falecimento que a sua esposa poderá ser realmente livre em sua nova jornada.

Mediante esses fatos, a construção da moral e da impressão de verdade na sociedade se dá por meio de relações/exercícios de poder, que se constituem como redes. Esses mecanismos de exercício do poder, quando praticados por determinados grupos sociais, conseguem promover discursos aparentemente verídicos, sendo capazes de dominar uma parcela da população, com uma narrativa que aparenta ser natural e, especificamente, quando são validados por intelectuais – o que resulta, no caso em questão, da promoção do discurso patriarcal e de inferioridade da mulher. Conclui-se que, na sociedade atual, “sim, existe um problema de gênero ainda hoje e temos que resolvê-lo, temos que melhorar” (ADICHIE, 2012, p. 67).

Referências

ABAURRE, Maria Luiza; ABAURRE, Maria Bernadete Marques. **Produção de texto**: interlocução e gêneros. São Paulo: Moderna. 2007.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejamos todos feministas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**. 2. ed. França Difusão Europeia do Livro, 1967.

CARVALHO, Eliana Pereira. As forças do patriarcalismo em o cesto, de mia couto: a viuvez da mulher moçambicana e a esperança de um empoderamento. In.: **VERBUM**, v. 6, n. 1, p. 45-56, jan. 2017.

COUTO, Mia. **O fio das missangas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

FOUCAULT, Michel **A Ordem do Discurso**. São Paulo: Loyola, 1996.

_____. **Microfísica do Poder**. Org. Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. A. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GREGOLIN, Maria do Rosário Valencise. A análise do discurso: conceitos e aplicações. São Paulo: Alfa, v.39, p.13-21, 1995.

MACHADO, Cristina Vasconcelos. Construção da representatividade feminina na obra “O fio das missangas” de Mia Couto. In: **Simpósio Internacional Literatura, Crítica e Cultura V: Literatura e Política**, 2011, Juiz de Fora.

PIGLIA, Ricardo. **O laboratório do escritor**. São Paulo: Iluminuras, 1994.

REVEL, Judith. **Foucault: conceitos essenciais**. São Carlos: Editora Clara Luz, 2005.

Recebido em 01 de outubro de 2020.
Aceito em 09 de março de 2021.